



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Resquícios judaicos em Minas Gerais no século XVIII

Ethel Mirzrahy Cuperschmid
Doutoranda em História / FAFICH – UFMG

Após a expulsão dos judeus da Espanha pelos Reis Católicos, Fernando e Isabel, em 1492, grande parte deles refugia-se em Portugal. Cinco anos depois, em 1497, a possibilidade de um enlace matrimonial, ao mesmo tempo político e econômico, levou D. Manoel a promover, ao lado da Igreja, a conversão de milhares de judeus que já se concentravam no porto de Lisboa para embarcar com destino à outras terras. Um grupo de padres invade o local e, sob ameaça física e psicológica, convertem os judeus ao catolicismo. Todos os judeus portugueses passam a ser considerados "cristãos-novos". Ao mesmo tempo, paira sobre eles a suspeita de judaizarem em segredo. Os que apostasiavam o catolicismo eram considerados hereges.

Mas o que pode ser entendido como cristão-novo? Os judeus eram denominados como "gente da nação", ou seja, gente da nação hebréia. Depois da conversão forçada, esse grupo passou a ser designado de diversas formas em documentos oficiais: "cristãos-novos", para diferenciá-los dos cristãos-velhos ou lindos; "marranos", "os da nação hebréia", ou por elipse, "os da nação", "gente da nação", "gente nova", "os da nação portuguesa", "homens de negócio de Portugal", "confessos", "conversos", "judaizante", e, depreciativamente, "judeus batizados em pé"(LIPNER,1977:25).

Segundo José Gonçalves Salvador (1976:216), “o cristão novo, era no fundo o judeu encoberto, crendo apenas em um Deus, indivisível, absoluto e eterno, e dessa ênfase ao monoteísmo resultava a sua aversão à idolatria”.

Cripto-judeu também é um outro nome para designar cristãos-novos. Quer dizer convertido que era falso cristão, que vivia como católico mas que prestava culto à Lei Velha, à Lei de Moisés.



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Para Anita Novinsky, "*condições extremamente árduas de sobrevivência, perseguição e extermínio, se de um lado levavam cristãos novos de volta à religião judaica ortodoxa, de outro atiraram muitos para o limite da incredulidade*" (1976:09).

Vários judeus aceitaram a nova fé. Entretanto, mesmo assim, vários cristãos-novos praticavam atos do culto judaico de forma inconsciente, por atavismo de família, disciplina doméstica, convicção pessoal.

O Brasil, desde que foi descoberto, acenou com a possibilidade de refúgio aos cristãos-novos, alvo de suspeitas, acusações, prisões, processos e autos de fé. O Brasil foi uma das regiões mais visadas pelo Santo Ofício de Lisboa. A Inquisição foi estabelecida em Portugal por bula do Papa Paulo III expedida a 23 de maio de 1536. Nela, a Santa Sé concedia aos cristãos-novos condenados por culpa de heresia, a isenção, por dez anos, do confisco de seus bens. Esse privilégio foi sucessivamente prorrogado, expirando o prazo finalmente em 1568.

De acordo com Anita Novinsky, a Inquisição foi um fenômeno que "*abarcou seis séculos da era cristã, três séculos e meio da história da Espanha e 285 anos da história de Portugal, atingiu todos os níveis da sociedade - político, econômico, social, psicológico, cultural- , estendendo-se até os mais longínquos rincões dos vastos impérios Ibéricos*"(1992:05).

Cristãos-novos vinham para o Brasil "*na esperança de encontrar aqui o que lhes negavam no Reino: liberdade, segurança, condição para trabalhar e enriquecer*" (SALVADOR, 1976:48).

As Visitações do Santo Ofício chegaram a levar muitos cristãos-novos brasileiros para os cárceres lisboetas. As duas Visitações ocorreram respectivamente nos anos de 1591-1595 e 1618-1619 e ficaram restritas às chamadas capitânicas de cima: Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba. "*O Santo Ofício foi aqui um tribunal de ocasião, de*



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



visitações esparsas e episódicas. Mesmo assim, faltava-lhe o poder de julgar. Era apenas órgão de sindicância, comissão de inquérito que coligia denúncias e provas, que prendia o acusado e o remetia para Lisboa” (OMEGNA,1969:53). De acordo com José Gonçalves Salvador, houve uma terceira Visitação, em 1628, do inquisidor Luís Pires da Veiga que ficou restrita ao Rio, à capitanias de São Vicente e Espírito Santo.

Cristãos-novos vieram para Pernambuco no século XVI fugidos da fúria inquisitorial que grassava na Península Ibérica. Alguns deles eram profissionais na arte de montar engenhos de açúcar. Continuaram mantendo contato com seus familiares em Portugal e, mais tarde, também em Amsterdã. Na época da dominação flamenga (1630-1654), muitos cristãos-novos voltaram a abraçar publicamente o judaísmo, pois havia uma certa liberdade religiosa.

No Brasil, cristãos-novos e cristãos-velhos se mesclaram ininterruptamente durante todo o período colonial e o judeu, o diabo, o demônio, o herege, o estrangeiro, são imagens culturais que estavam sempre presentes em praticamente todas as famílias luso-brasileiras. De acordo com Nelson Omegna, *“na linguagem popular, rabos, cascos e chifres continuaram a marcar aqueles que se pretendia, por qualquer motivo, diabolizar”*(1969:32).

O fenômeno cristão-novo brasileiro confere nuances à cultura colonial ainda não devidamente estudadas. Em primeiro lugar, D. Manonel autorizou a adoção de nomes e sobrenomes cristãos aos recém batizados. Assim, se um judeu possuísse um padrinho cristão-velho, ele adotava o mesmo sobrenome dele. Então, os cristãos-novos acabaram adotando os mesmos sobrenomes da população cristã em geral e, na falta de padrinhos, adotavam sobrenomes ligados ao local onde moravam, à fauna e à flora bem como a designação de sua ocupação profissional.

O conceito de judaísmo em curso entre os marranos ou conversos era muito confuso, consistindo num misto de preceitos bíblicos e ritos católicos. Normalmente, os cristãos-novos contentavam-se com um judaísmo degenerado, restrito a algumas



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



superstições de tradição oral e à interpretação rudimentar, feita por eles próprios, de alguns preceitos bíblicos, estes tirados presumivelmente da versão latina em voga na época, a única não proibida pelo Santo Ofício; tudo isso misturado com o corrente ritual católico (LIPINER,1997:22).

Com o batismo forçado e as consciências violentadas, os cristãos-novos refugiavam-se muitas vezes no fingimento. Para passar como sendo “gente de fé”, os cristãos-novos tinham que: assistir à missa, ir aos terços, ao Ângelus, à novenas. *“O assistir, que pode significar uma atitude espiritualmente passiva, era exteriormente um suceder de atitudes, de curvaturas, um movimentar de pés, de joelhos, de mãos, de dedos, um mudar de pernas, um mover de corpo muito ativo na devoção, mas a que podia, perfeitamente, estar alheia à alma apática”* (OMEGNA, 1969:36).

Os cristãos-novos, a medida que sua vida dupla tornava-se mais penosa, começaram a se inclinar para o sincretismo religioso, mediante o qual mais suavemente pudessem dissimular suas tendências sacrílegas, como ingenuamente devem ter pensado. Seria uma simbiose religiosa.

O cristão-novo era geralmente informado de sua ancestralidade numa idade considerada de certa maturidade, geralmente aos 13 anos, tal qual q maioridade judaica. *“Individualmente ou em reduzido círculo de parentes iniciados, os criptojudéus só podiam praticar os ritos ou rezas que não despertassem a suspeita dos vizinhos e autoridades. Em muitos casos se davam por satisfeitos em orar silenciosamente no seu íntimo e em desatender ou deturpar um ou outro rito católico mais característico. Faziam por se manter fiel à velha fé ainda mesmo naqueles casos em que aparentemente cumpriam ritos católicos”* (OMEGNA,1969:244).

De acordo com Gonçalves Salvador, *“há marcas também de outras influências, pois os judeus se vangloriavam de suas crenças e as ensinavam pelo menos aos íntimos e aos da etnia. Adotavam certas orações da liturgia católica, mas se recusavam a concluí-las em nome da Trindade, e, de igual modo, os Salmos”* (1976:217).



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Fazer refeições em mesa baixa em sinal de luto, era hábito que identificava os cristãos-novos. O mobiliário da casa de um cristão novo de certas posses poderia indicar sua ancestralidade. A mesa com gavetas em Minas Gerais, normalmente atribuída à pessoa sovina, que escondia a comida das refeições para não oferecer ao visitante, é muito comum e está presente em vários inventários. A mesa com gavetas, na realidade, servia para esconder a comida sim, mas não no sentido de egoísmo, mas para não levantar suspeitas quanto à dieta específica que não seguia à risca os mandamentos dietéticos judaicos, mas era singularmente diversa da população cristã.

Referências à pessoas que escondiam a comida na gaveta passou a fazer parte do imaginário popular. O mineiro ganhou fama de pão duro. Miséria? Sovinice? Acanhamento? Receio de uma visita inesperada? Como já foi explicado, trata-se do resíduo de temor cristão-novo de que pessoas falem de seu almoço temperado de heresias ou de seu frango ou peixe judaizantes.

Quando a fraqueza era tanta que não se tinha forças nem para morrer, chamava-se o Abafador ou afogador. *“Começava seu serviço por afastar do quarto os membros da família, encostava a porta e começava a sinistra operação... matava-o por pressão ou asfixia entre murmúrios de preces e credo que fingia estar rezando ou frases cheias de consolação: ‘vai irmão, o Senhor te espera!’”*(OMEGNA,1969:239).

Em outras palavras, era a pessoa que tinha, supostamente, por missão, estrangular no leito os moribundos cristãos-novos ou judeus, para que, na sua inconsciência não traíssem seus cúmplices nas práticas judaizantes. Eram sufocados com um travesseiro antes mesmo do padre chegar para dar a extrema unção. Assim, a família ficava em segurança ou corria menos risco de se ver processada pelo Tribunal da Santa Inquisição.

Os cristãos novos aparecem freqüentemente filiados à confrarias e nelas ocupam posições de destaque. Isso deve-se talvez, à necessidade de melhor simular sua condição de cristão-novo através de atos públicos de devoção. Segundo Elias Lipiner, algumas



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Irmandades e Confrarias eram as preferidas por cristãos-novos: Irmandade do Santíssimo da freguesia de São Nicolau; Confraria de Nossa Senhora da Ajuda; Confraria da Alâmpada dos Judeus.

Os cristãos-novos, então, procuravam ter uma vida religiosa bastante ativa e primorosa: ascendiam velas junto ao altar e as traziam nas procissões; vestiam opas e empunhavam tochas; botavam os filhos de coroinha do Sr. Vigário; carregavam o turíbulo de incenso e estandartes das Irmandades; ajudavam a carregar andores de santo; faziam parte da Congregação, muitas delas tão zelosas do sangue e da raça, que integra-las era ficar a coberto de qualquer suspeita adjudicada; tomavam água benta, na pia; esmolavam óbolos para as almas; montavam guarda à bandeira do divino, e, ainda, uma infinidade de outras atitudes. No exterior, eram cristãos exemplares.

Muitos cristãos-novos procuravam entrar para o sacerdócio com intuito de salvar a própria pele e a de sua família. *“Inúmeras famílias israelitas dedicaram filhos à vida eclesiástica; umas, porque se tinham convertido ao cristianismo; outras, para se acobertarem contra perseguições. O clero gozava muitos privilégios, além de cultura regular e de posição social”*(SALVADOR,1976:233).

Sem pátria própria, sem solo algum a que afundar raízes, eram homens sem elos, sem vínculos e ligações permanentes. Iam e vinham sem maiores sacrifícios na condição de mascate, minerador, tropeiro, carreteiro, camboeiro, bandeirante.

Algumas profissões eram da preferência dos cristãos-novos. Umas eram fachada protetora, como ser santeiro, edificador de capelas, talhador de retábulos e oratórios. *“Se a grande maioria fazia da arte um meio para servir à Deus, alguns, pelo menos, dela usaram para manter a sua fé secreta de criptojudeu. Aqui e ali, entre os ornamentos das capelas, dos altares, nas cornijas, no teto, como por descuido, deixavam escorregar a marca de servo de Jeová, nos peixes, nas flores de lis, nos signos de Salomão que lhes escapavam do pincel”*(OMEGNA,1969:39).



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Médico ou cirurgião barbeiro também era outra área profissional muito seguida por cristãos-novos. “Curioso é que, em Minas e Goiás, ficou o apelido de capelo amarelo para designar os médicos. O apelido define a origem marrã das pessoas assim discriminadas e o fato público de sua condenação pelos inquisidores, pois o capelo era distintivo dos reconciliados” (OMEGNA,1969:63). Os médicos também eram chamados de algebristas, título honroso e misterioso.

No Brasil o Santo Ofício estendeu suas malhas sobre cristãos novos letrados como Bento Teixeira Pinto, autor do primeiro poema brasileiro, a Prosopopéia; Ambrósio Fernandes Brandão, autor do Diálogo das Grandezas do Brasil e o poeta Antônio José da Silva, que ganhou a alcunha de, ‘o judeu’.

Referências ao guardar o sábado estão presentes até os dias de hoje: colocar a melhor roupa ou a roupa lavada no sábado ou tomar banho no sábado. Em testamentos também se encontra o pedido dos moribundos de ligar óbolos à Igreja para as ‘Exéquias do sétimo dia’, ‘para fazer o meu sábado’, significando com isso a dádiva de esmola para preces que lhe garantissem o seu repouso.

A usura está proibida entre irmãos, mas é permitida ao estranho (Deuteronômio 23:19-20). Isso marcou ainda mais os marcos identitários entre o “nós” e o “outro”. “Era tal a freqüência do judeu na atividade de usura, que na língua ficou a palavra ‘semítico’, derivada de ‘semita’ para significar usurário, avarento” (OMEGNA,1969:69). Alguns são homens de negócio e estavam diretamente envolvidos em grandes transações de açúcar, pau brasil e outros produtos de exportação. De acordo com Anita Novinsky, “as conexões dos cristãos novos com seus correligionários em outros países deram-lhes as possibilidades de sentir o pulso do mercado internacional e desenvolver intensa rede comercial. Nos séculos XVII e XVIII os termos cristãos novos e homens de negócios eram sinônimos” (1976:10).

Geralmente os cristãos novos eram elementos flutuantes, que iam e vinham e via de regra não possuíam residência fixa, “exerce atividade que o impele daqui para acolá a fim



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



de realizar um objetivo ou cumprir uma obrigação transitória. Nesse número contam-se os mercadores ambulantes, porque houve os de loja aberta; o aventureiro em busca de riqueza fácil e rápida; o bandeirante da última hora; o foragido em demanda de local seguro para ocultar-se às autoridades ou à Inquisição; o feitor ou agente de algum rendeiro, de senhor de engenho ou consórcio, e, enfim, todos quantos à semelhança do militar e do funcionário público foram enviados para cumprir temporariamente um determinado encargo um missão”(SALVADOR,1976:69).

"Com o desenvolvimento das Minas o abastecimento tornou-se um problema grave, resolvido na primeira metade do século XVIII pelos fornecedores de gêneros alimentícios, gado vacum, cavalos, que vinham das capitânicas de São Vicente, Bahia, Pernambuco. Muitos cristãos novos supriam as Minas desses gêneros alimentícios, enviando carregamentos de mercadorias diversas" (NOVINSKY,1976:15).

Cristãos novos dedicavam-se à lavoura e também estavam envolvidos com o tráfico de escravos. Faziam parte da sociedade e já estavam mais do que integrados a ela. Nos testamentos da Comarca do Rio das Velhas, na Vila de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, os cristãos novos deixam alguns vestígios de sua forma de vida e principalmente de sua maneira de bem morrer.

Assim, as missas encomendadas são muitas, como era costume, mas o número de sacerdotes pedido era de uma dezena, tal como para as práticas religiosas judaicas e as sepultamento. As missas não eram tanto para as “almas do fogo do purgatório”, mas para parentes que há muito haviam deixado esse mundo. Os legados eram mais específicos e voltados basicamente para as órfãs e viúvas de sua família em Portugal.

Os cristãos novos tinham o costume de sepultar seus mortos em terra virgem e em covas muito fundas e individualizadas. Os cristãos-velhos tinham a tradição de enterrar familiares num jazigo comum em terra santificada pela Igreja ou mesmo dentro das Igrejas. Em Minas Gerais não é incomum a existência de cemitérios próximos às propriedades rurais.



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Outros costumes, como o de derramar água dos cântaros e potes era um costume ligado ao luto, mas não são descritos em testamentos. Tal costume era considerado pelos inquisidores o principal rito judaico e por meio dele costumava a população identificar o cristão novo. *"Esse preceito provém do Pentateuco, fixado no capítulo XIX, 14-15 do livro Números, declarando impura a água de todo o vaso aberto, sobre a qual não houver tampa fortemente fechada, na casa onde morreu alguém"* (LIPINER,1977:60).

Para Nelson Omega, trata-se de uma mera lenda talmúdica segundo a qual *"o Anjo da morte aproxima-se do moribundo empunhando uma espada da qual goteja terrível e letal veneno. Aterrorizado, o agonizante abre a boca, é quando a Anjo o faz tragar o veneno, indo, ato contínuo, procurar água na casa para lavar a espada e, se o fizer, as pessoas que beberem daquelas talhas ou moringas ou cântaros, decerto, morrerão"* (1969:245).

Alguns cristãos-novos pediam para que, logo depois de sua morte, fossem lavados e amortalhados ao modo judaico; ou pediam para que seu corpo fosse colocado no chão até que certos companheiros de confiança ou cristãos-novos viessem providenciar o seu sepultamento.

Tais práticas estão bem descritas pelo Santo Ofício: *"... se por morte de alguns ou algumas, comeram ou comem em mesas baixas, comendo pescado, ovos e azeitonas, por amargura, e que estão detrás da porta, por dó, quando algum ou alguma morre, e que banham os defuntos, e lhes lançam calções de lenço, amortalhando-os com camisa comprida, pondo-lhe em cima uma mortalha dobrada, à maneira de capa, enterrando-os em terra virgem, e em covas muito fundas, chorando-os, com suas litanias cantando, como fazem os judeus, e pondo-lhes na boca um grão de aljôfar ou dinheiro de ouro, ou prata, dizendo que é para pagar a primeira pousada, cortando-lhes as unhas, e guardando-as, derramando e mandando derramar água dos cântaros e potes quando algum ou alguma morre, dizendo que as almas dos defuntos se vêm ali banhar, ou que o Anjo percuciente lavou a espada na água"* (LIPINER, 19?:70).



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



Acusação de comer em mesa baixa levou muitos cristãos-novos à barra do Santo Ofício. Outras acusações também eram comuns: não comer galinha enforcada, ou comer carne de galinha fria molhada no azeite, não comer certos peixes... Os costumes alimentares judaicos estão descritos no Levítico. Assim, não comer carne de porco ou comê-la ostensivamente são atitudes que poderiam denunciar um cristão-novo. Abater animais de forma que não sofressem, cortando a jugular com faca bem afiada mostrava um certo apego à práticas tradicionalmente judaicas. O animal abatido era pendurado de maneira que todo o seu sangue escorresse. A não ingestão de sangue também é outro preceito judaico. Os peixes que não possuíssem escamas estavam proibidos de acordo com as leis dietéticas judaicas.

No ato de jurar, cristãos novos não utilizavam Cristo ou os Santos, mas somente à Deus. Segundo os denunciantes e os inquisidores, a falta da nomeação do nome de Jesus, na doença ou no tormento era sinal evidente de judaísmo.

Os cristãos-novos brasileiros, durante o período colonial (e depois também) costumavam usar como amuletos o signo do rei Salomão, aquele que o caipira ainda hoje denomina 'sino-salomão' (FAINGOLD, 1997:26). “*Os talismãs portadores de figuras e palavras dotados de poder cabalístico estão admitidos no texto da Torah, conforme se vê em Êxodo XII:1-10-16, e em Deuteronômio VI:4-9, XI:13-21. Esses textos eram escritos em pergaminho e levados pelo judeu devoto, com o nome de tephilim, amarrado ao braço e outro na frente*”(…) “*Entre nós, os tephilins se transmutaram em escapulários, de grande uso entre os católicos brasileiros*” (OMEGNA,1969:45-6).

O uso de varrer a casa as avessas, após ou não à saída de um morto, de maneira a lançar a poeira pela porta da rua é um rito funeral dos sefaradins, ou seja, dos judeus oriundos da Península Ibérica.



ANAIS DA V JORNADA SETECENTISTA

Curitiba, 26 a 28 de novembro de 2003



No Brasil, contar estrelas apontando-as com o dedo, segundo a superstição popular, crescem verrugas. Costume judaico, para dar início à celebrações de festas e mesmo do dia santificado semanal, o *shabat*, é o contar no céu as três primeiras estrelas...

Quando uma pessoa espirra há o hábito de dizer “Deus te crie” que é a tradição do uso e da frase hebréia “*Hayim tovim*”.

Referências bibliográficas

FAINGOLD, Reuven. Amazônia Judaica: história, lendas e mitos. In: LEWIN, Helena (org); KUPERMAN, Diane (colab). *Judaísmo: memória e identidade*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997. 2 volumes.

LIPINER, Elias. Santa Inquisição: terror e linguagem. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977. 147 p.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Inquisição: inventários de bens confiscados a cristãos novos*. Fonte para a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1976. 286p.

NOVINSKY, Anita. A Inquisição: uma revisão histórica. In: NOVINSKY, Anita; CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresia e arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1992.

OMEGNA, Nelson. *Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Record, 1969. 279 p.

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos: povoamento e conquista do solo brasileiro (1530-1680)*. São Paulo: Pioneira; Editora Universidade de São Paulo, 1976. p. 406

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro (1695-1755): relações com a Inglaterra*. São Paulo: Pioneira; São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1992. 197 p.